



**DEPARTAMENTO DA ÁREA DE SERVIÇOS
CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO**

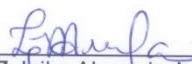
LAURENICE LOPES DE SOUZA

**(Des)construindo as tramas invisíveis do modo de saber -
fazer da “Rede Cuiabana” - Comunidade de Limpo
Grande- MT**


**CUIABÁ-MT
2018**

FOLHA DE APROVAÇÃO**(DES)CONSTRUINDO AS TRAMAS INVISÍVEIS DO MODO DE FAZER DA “REDE CUIABANA” DA COMUNIDADE LIMPO GRANDE - MT**

Artigo apresentado ao Curso de Bacharelado em Turismo do Instituto Federal de Mato Grosso – Campus Cuiabá - como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Turismo.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Zuleika Alves de Arruda
(Orientadora – IFMT)



Profa. Dra. Ana Paula Bistaffa de Monlevade
(Examinadora Interna – IFMT)



Profa. Ma. Cátia Cristina de Almeida Silva
(Examinadora Interna – IFMT)



Prof. Me. Ednilson Dutra de Moura
(Examinador Externo – UNIFAP)

Data: 21/12/2018

Resultado: *Aprovada*

(Des)construindo as tramas invisíveis do modo de saber - fazer da “Rede Cuiabana” da comunidade de Limpo Grande- Mato Grosso (Brasil)

SOUZA, Laurenice Lopes de¹

Orientadora: Prof^{ca}. Dra. ARRUDA, Zuleika Alves de.²

Resumo

A rede de dormir é um tipo de leito herdado do saber/fazer dos indígenas. Originalmente ela era tecida em fibras vegetais, tais como palmeira tucum e buriti, cipós e algodão. Esse tipo de leito, chamado de “inis,” pelos índios brasileiros Tupiniquins de tronco linguístico tupi. Em Mato Grosso a territorialidade desse saber/fazer encontra-se nos municípios do Vale do Rio Cuiabá, mas, são nas comunidades rurais do município de Várzea Grande e principalmente na comunidade de Limpo Grande, que a rede conquista o mercado regional pela beleza artística. Notadamente, a Rede Cuiabana não rompeu sua invisibilidade no mercado nacional, como artesanato de singular produção. O presente trabalho objetivou analisar as tramas invisíveis do modo de fazer da “Rede Cuiabana” bem como os entraves enfrentados pelas artesãs para a comercialização do produto. A metodologia consistiu em pesquisa sociocultural qualitativa, revisão bibliográfica e pesquisa de campo com observação *in loco* das tramas e urdiduras da “rede cuiabana” por meio de diário de campo e registros fotográficos nos meses de julho a setembro deste ano e georreferenciamento das artesãs. Os resultados mostraram que na comunidade de Limpo Grande, a prática cultural de fazer a rede se faz presente no cotidiano da comunidade compondo o mobiliário das residências, onde o tear vertical ocupa lugar de destaque na sala, juntamente com os novelos de linha e amostras, apetrechos do tear como a espichadeira, o buriti, a abrideira, as taquarinhas de trocar os fios, a bateadeira e o puçá de fazer a varanda. Essa arte de fazer, que perdura há gerações, possui um custo de produção elevada, considerando o tempo gasto para a confecção do produto, que leva em média quarenta dias e a qualidade da linha que é usada, comprometendo o real valor do produto e o lucro desejado pelas artesãs, gerando um desinteresse para a manutenção e reprodução dessa prática cultural pela geração contemporânea. Entre permanências e ressignificações do saber/fazer do processo

¹ Graduanda do Curso de Bacharelado em Turismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso - Campus Cuiabá.

² Professora Orientadora. Doutora em Geografia e Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – Campus Cuiabá do Curso de Bacharelado em Turismo e Eventos.

produtivo da “rede cuiabana” envolve ‘tramas’ enfrentadas pelas artesãs na luta pela sobrevivência material e manutenção da cultura. O trabalho concluiu que as tramas que se configuram no processo produtivo da rede e das relações de trabalho são complexas e difusas uma vez que, destituídas dos meios de produção, as artesãs encontram-se entrelaçadas em “tramas” e “urdiduras” que envolviam relações assimétricas reproduzidas por meio da compra da linha, da confecção da rede e venda dos produtos em locais de consumo de artesanatos para turistas.

Palavra-chaves: rede cuiabana, modos de fazer, relações assimétricas, mercado turístico.

Abstract

The sleep hammock is a type of sleep hang bed inherited from the Brazilian Indians. Originally, the hammock was tasseled in vegetal fibers. The etymology for hammock derives from the word “inis” given by the Brazilian Indians Tupiniquins, which belongs to the Tupy linguistic trunk. In Mato Grosso State, the hammocks artisanship comes from the so-called Cuiabá River Valley region. However, the more skilled female artisans currently live in a small rural village known as Limpo Grande. The typical hammocks tasseled in this community, and in the entire Cuiabá River Valley, is now nationally known as Rede Cuiabana. The objectives of this study were to describe the production mode of Rede Cuiabana, to register the main components of these crafts, and to identify the main obstacles the artisans face to sell their products. The methodology of this investigation was the qualitative sociocultural approach based on field surveys in the study area of Limpo Grande community. Our results show that the traditional hammock artisanship that lasts for at least four generations in the region is still present in the Campo Limpo community quotidian. In fact, the vertical loom, which is the main tasseling tool, is like a kind of furniture that occupies a very important place in the living room in the artisans' houses. However, the main problems the artisans are facing today are the high costs of production, mainly the price of the industrialized weaving lines, and the time taken to sell the hammocks. We concluded that the knowledge of the Rede Cuiabana subsists in an intricate and complex social context in which the artisans are no longer the owners of their own means of production.

Key words: Cuiaba hammock, knowledge, assymmetric relationship, touristic trade.

INTRODUÇÃO

A rede de dormir é um tipo de leito herdado do saber/fazer dos indígenas. Originalmente tecida da fibra das palmeiras tucum e buriti, cipós e algodão, de formato retangular e suspenso por duas extremidades por meio de punhos. A historiografia registra que foram as mulheres dos colonos portugueses que adaptaram a técnica indígena por meio da substituição das fibras do tucum pelo algodão, assim como incorporaram varandas (guarnições laterais da rede) e franjas ornamentais nas redes.

Segundo o relato de Darcy Ribeiro (1987), a produção dos variados artefatos produzidos em fibras de palmáceas, como as admiráveis redes ou maqueiras de fibras de tucum, eram feitas pelas populações indígenas campestres e, as redes de algodão em formato retangular e suspensas por duas extremidades por meios de punhos, eram produzidas pelos povos de áreas de florestas que já conheciam o cultivo do algodão, a fiação e o processo de tecer.

Esse tipo de leito, somente passou a ser denominada de rede quando os portugueses adentraram o território brasileiro. O escrivão Pero Vaz de Caminha, ao descrever os hábitos e costumes indígenas para o Rei Dom Manuel I, a nomina rede em referência a rede de pescar portuguesa, no dia 27 de abril, sem ao menos considerar que pudesse ter outra denominação. Segundo Holanda (2008) “esses leitos maneáveis e portáteis constituíram objeto de ativo intercâmbio com os naturais da terra”, bem como foi amplamente incorporado no cotidiano dos recém-chegados por meio da prática do costume de dormir em rede.

Esse saber indígena foi ressignificado pelas mulheres portuguesas e dos colonos paulistas ao confeccionarem uma rede com a singularidade regional. Isso foi alcançado pela composição entre a prática cultural cotidiana com elementos dos recursos naturais disponíveis como a utilização de raízes, cascas e folhas para o tingimento das redes. Em Mato Grosso, os disseminadores da rede foram os bandeirantes paulistas que as carregavam em suas incursões para o interior da Capitania mato-grossense no final do século XVII nos apresamentos indígenas e, a partir do século XVIII, durante o ciclo mineiro. A situação de isolamento geográfico nesse período contribuiu para a produção de uma rede singela e sem muitos adornos (HOLANDA, 2008).

Todavia, a partir do século XIX esse utensílio ganha novo formato na região. Peça utilitária fundamental em todo o período colonial, “o leito da terra”, foi usado até a primeira metade do XIX por administradores da coroa portuguesa, padres, comerciantes, senhores de terra, bandeirantes, colonos, caboclos e viajantes. No caso de Mato Grosso, essa utilidade transcorre até a segunda metade do século XX. Com efeito, em Cuiabá, Vicenzi apud Leonzo (2004) pondera “por essas terras, não há camas”, até o início de 1920 não existia o uso da cama como leito. Segundo a autora o cônego Vicenzi ao descrever o cotidiano da cidade observa [...]

“as casas estavam aparelhadas para abrigar, se necessário, diversas redes armadas, havendo, particularmente em Cuiabá e em Poconé, uma espécie de indústria desses objetos destinados ao repouso”. Constando que algumas redes eram belíssimas, bordadas em toda a sua extensão, revelando as habilidades artesanais das mulheres mato-grossenses.

Nesse período, até a primeira metade do século XX, as artesãs dominavam todo o processo produtivo, desde as etapas do plantio do algodão, passando ao descaroçamento, cardamento, fiamento, tingimento, enovelamento e, por fim, a própria confecção da rede. Toda essa tecnologia resultou num modo de produção singular onde o tecido artesanal se destacava pela sua firmeza e espessura, características essas resultantes do tipo particular da trama sem avesso que era urdida’ em tear vertical, com tecedura de baixo para cima.

Signo da artesanaria mato-grossense, a rede de dormir cuiabana é confeccionada em uma trama firme e um tipo de bordado denominado de lavrada. A memória coletiva do modo de saber/fazer da “Rede Cuiabana” é um legado da etnia Guaná em seu processo de reterritorialização, por volta da primeira metade do século XIX, na margem direita do rio Cuiabá, em frente ao atual bairro do Porto (SILVA, 2001).

Silva op.cit, ainda destaca que os Guaná, intensificam suas atividades econômicas e de trocas, por volta de 1843, e por serem considerados índios mansos e de boas maneiras, se integraram a população local. As comunidades localizadas à margem direita do rio Cuiabá herdaram os ofícios e habilidades dos Guaná de pescar, remar, trabalhar o barro, o couro, fiar e tingir o fio de algodão, bem como o próprio manuseio do tear. Esse saber transmitido através da observação, em um exclusivo feminino, de mãe para filha por gerações, tem sido mantido como prática artesanal e fonte de economia.

A territorialidade desse saber/fazer encontra-se nos municípios que pertencem ao Vale do Rio Cuiabá, mas, são nas comunidades rurais do município de Várzea Grande e,

principalmente na comunidade de Limpo Grande que a rede conquista o mercado regional pela sua beleza artística. Notadamente, ainda, não rompeu sua invisibilidade nacional, como artesanato de singular produção.

No entanto, essa arte que perdura há gerações, possui um custo de produção elevado, devido ao tempo empregado na confecção e ao alto valor da linha que é a sua matéria prima básica. Com efeito, as linhas industrializadas e o tempo médio de quarenta dias para a confecção do produto tornam os custos de produção relativamente muito altos para os padrões de renda das atuais artesãs. Por esses motivos, a renda das artesãs fica comprometida, o que vem gerando desinteresse para a manutenção e reprodução dessa prática cultural pela geração contemporânea.

A recorrente falta de recursos financeiros para aquisição da artesã à linha industrializada, bem como o tempo gasto na produção da rede, e não ter meios de comercializar, impôs a necessidade de um financiador externo à comunidade, personificado na figura de comerciantes e outros agenciadores da produção e comercialização dos produtos. Tais situações, historicamente inexistentes quando era possível a utilização dos fios artesanalmente produzidos nas comunidades, tem criado uma complexa, e ainda muito pouco conhecida, rede de inter-relações sociais, com consequências muito importantes à organização dessa prática artesanal impactando até mesmo à sua sobrevivência. Assim, o conhecimento dessas relações e modos de organização torna-se imprescindível para a concepção de políticas públicas que objetivem apoiar e desenvolver a arte da tecelagem da “Rede Cuiabana”. O presente trabalho objetiva analisar as tramas invisíveis do modo de fazer da “Rede Cuiabana” atual e os entraves enfrentados pelas artesãs para a comercialização do produto.

A pesquisa parte de uma abordagem exploratória aliada também a aspectos qualitativos. Foram desenvolvidas, primeiramente pesquisa bibliográfica com ênfase no caráter geohistórico e sociocultural da tecelagem da “Rede Cuiabana”, no Vale do Rio Cuiabá. A pesquisa de campo, se desdobrou em diversas etapas, sendo a primeira visita as Comunidades de Passagem da Conceição e Bonsucesso, antigos locais de produção da rede de dormir, em abril de 2018. Essa escolha se deu para investigar a possibilidade de indicar a Comunidade de Limpo Grande a fazer parte da Rota do Peixe. A segunda etapa de investigação foi nas Comunidades da Guarita, Alameda Júlio Muller (bairro Carrapicho), Porto Santana e Engordador em julho de 2018. Bem como visita aos locais de comercialização como a Casa do Artesão SESC para um levantamento dos valores das redes de dormir e demais produtos, a Casa Cuaybana e a Casa de

Artes e Ateliê e sala anexa no Shopping de Várzea Grande. E por fim visitas a Comunidade de Limpo Grande em agosto (1), outubro (1) e novembro (2) observando in loco o modo de fazer a rede, as tramas e urdiduras do processo de comercialização e as táticas desenvolvidas pelas artesãs internamente para a continuidade da prática artesanal e georreferenciamento dos locais visitados. Nas entrevistas semiestruturadas, optou-se por recorrer a história oral das artesãs sobre o saber-fazer em narrativas anotadas em diário de campo, registros fotográficos e georreferenciamento das artesãs em atividade, as que fazer especialidades da rede e as que se aposentaram, assim como as que sabem tecer mas estão em outra atividade econômica. E por fim, reflexão de um diagnóstico para análise dos dados coletados.

1 TECENDO CAMINHOS E URDIDURAS DA “REDE CUIABANA”

O domínio do saber-fazer a “Rede Cuiabana” no imaginário coletivo das comunidades tradicionais do Vale do Rio Cuiabá e, fortemente propalado no município de Várzea Grande é de origem da etnia Guaná. Silva (2001) contribui com a descrição desta etnia e seus subgrupos: Laiana, Terena, Kinikinau e Guaná (exoaladi) como o povo Chané-Guaná de língua Aruak. Por volta de 1819, conjuntamente com os remanescentes Laina, Kinikinau e Guaná migraram, em processo de reterritorialização em aldeamento voluntário para a margem direita do rio Cuiabá, atualmente, município de Várzea Grande.

Silva (2001) essa nova territorialidade Guaná foi registrada pelo Etnólogo Max Schmidt (1900-1901) na margem direita do rio Cuiabá, no lugar do Porto Velho, atualmente Alameda Júlio Muller, produzindo suas indústrias de couro, cerâmica e tecelagem. Todavia, em 1920 a população mais jovem encontrava-se parcialmente integrada aos locais, habitando as localidades de Santo Antônio do Rio Abaixo, distrito de Nossa Senhora da Guia, Coxipó, Porto Geral e Nossa Senhora do Livramento.

Esses fatos foram registrados no mapa de Cândido Rondon, Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões, que apresenta os Guaná nas proximidades dos rios Pari, Espinheiro e Bandeira, o que caracterizaria um processo de desterritorialização e reterritorialização, pois a etnia se deslocava gradualmente, por força de pressão fundiária, desde a área original da Alameda Júlio Muller para as mencionadas localidades. Nesses novos espaços percebe-se seus traços no cotidiano de ribeirinhos, pescadores, artesãs ceramistas e redeiras. (SILVA, 2001).

Silva (2001) reforça essa prática descrita pelo desenhista Hercule Florence da Expedição Langsdorff, de encantamento em relação às redes, durante sua passagem por Cuiabá em 1827. Sua obra registra esse saber/fazer de forma detalhada, destacando a originalidade da arte e trama do tecido da rede e dos “panões” produzidos pelas mulheres Guaná e, a particularidade da uso de quadrados e régua de madeira, que utilizavam para empregar uma técnica única para juntar até 1000 fios verticais, tramados inteiramente na horizontal, formando uma trama fechada. O tecido poderia ser tingido utilizando-se pigmentos minerais e vegetais. Observa ainda o autor que as técnicas e os utensílios das mulheres Guaná eram os mesmos empregados pelas mulheres cuiabanas para tecer as redes de dormir.

No caso da “Rede Cuiabana”, confeccionada em algodão natural esta, era produzida em dois tipos: a lisa feita de algodão cru na cor natural e sem adornos, e a listrada que também era confeccionada a partir de algodão cru, porém tingida com folhas, raízes, cascas de plantas locais, como, por exemplo, as folhas da ‘negramina’³ e as cascas do ‘chico magro’⁴, que eram amplamente utilizados para tingir o tecido tramado. Estes eram os tipos mais comuns, produzidos para o uso doméstico dos menos abastados.

A partir do acesso aos novelos de linhas industrializadas, na segunda metade do século XX, as artesãs passam a produzir a rede lavrada, ou seja, bordada, colorida e com mais adornos. Nesse processo constata-se a ressignificação do saber/fazer da rede com a presença do uso de amostras de bordados de domínio doméstico de cada artesã e de famílias abastadas que tinham sob sua tutela redeiras/artesãs exclusivas para tecer suas redes. De acordo com as habilidades de cada redeira/artesã em manipular os bordados e monogramas, as redes eram confeccionadas como presentes (“redes de presente”) ou para uso familiar (PALMA, 1996).

Palma op. cit., destaca que O *modus operandis* do uso da “Rede Cuiabana” também está na composição do imaginário do século XX, mais precisamente no período de poderio das famílias locais, quando a rede passa de peça utilitária para objeto de poder. Em uma semântica imagética, constitui-se em status sendo produzida nas cores branca e preta a serem presenteadas, exclusivamente, aos ilustres da terra, como políticos, padres, médicos, compadres, nubentes e visitantes à cidade de Cuiabá. O mesmo, se dava com a confecção de redes com desenhos tramados/bordados que traziam inscrições com o oferecimento, datas para serem lembradas,

³ Siparuna guianensis Aublet planta

⁴ Guazuma ulmifolia Lam.

nomes entrelaçados e ou descrições significativas e, reservando-se às redeiras mais habilidosas, o privilégio de tecer as redes que seriam presenteadas.

Outra função da rede é registrada por Paula (1993), na expedição de 1942 para o reconhecimento do rio Jaucuara, quando visitou Poconé, Jangada, Cuiabá e Rosário Oeste na qual registrou o uso da rede para marcação de lugares de pouso e, também, como transporte funerário. O seu argumento está pautado pelo fato de não ser comum fazer caixão por “estes ermos” e que o corpo para ser sepultado deveria ser transportado na mesma rede que a pessoa viveu e que, após ser enterrado, a rede regressava à casa.

Observa-se, nesse caso, um costume diferente do adotado pelos povos indígenas que normalmente sepultavam o defunto com seus pertences, incluindo a rede, enquanto na região do Vale do rio Cuiabá, naquela época, a rede era preservada, retornando à casa do seu antigo dono. Provavelmente, esse costume estava associado à dificuldade de confecção desse precioso utensílio.

No entanto, constata-se que ao longo dos tempos, a rede foi se convertendo de artefato utilitário, como era típico nas sociedades indígenas, para um objeto com valor de troca, adquirindo, portanto, status de mercadoria, característica das sociedades capitalistas. No período colonial de Mato Grosso, por exemplo, a rede era usada como leito de transporte dos representantes da administração portuguesa por escravos, representando poder. Podia também ser empregada como maca e transporte fúnebre, no entorno de Cuiabá. Assim como leito de dormir e de descanso para trabalhadores durante as atividades econômicas (usinas, garimpos, borracha e poaia) em Mato Grosso. Desse modo, a rede acabou se tornando um objeto rico de significados de crenças, superstições, desejos e símbolos.

Para entender essa realidade que se configura nesta região, reportamos a análise realizada por Baudrillard (2000, p.94) que chama a atenção para o fato de:

Todo objeto tem duas funções: uma que é a de ser utilizado, à outra de ser possuído. A primeira depende do campo de totalização prática do mundo pelo indivíduo, a outra um empreendimento de totalização abstrata realizada pelo indivíduo sem a participação do mundo. Estas duas funções acham-se na razão inversa uma da outra. Em última instância, o objeto estritamente prático toma um estatuto social: é a máquina. Ao contrário, o objeto puro, privado de função ou abstraído de seu uso, toma um estatuto estritamente subjetivo: torna-se objeto de coleção.

Seguindo o raciocínio de Baudrillard (2000), esse valor simbólico, agregado ao valor funcional dos objetos de consumo, possui o objetivo de acompanhar as mudanças das estruturas sociais e interpessoais premente na sociedade, ou seja, constitui um reflexo da sociedade e dos

seus tempos. No caso da sociedade mato-grossense, a rede, constitui um objeto imbuído de valor funcional, ao valor simbólico de poder e status e por fim, agregado ao valor estético e econômico, como signo da artesanania voltada ao turismo que será discutido ao longo deste trabalho.

2 RECONSTRUINDO A TERRITORIALIDADE DA “REDE CUIABANA”

A territorialidade constitui a qualidade subjetiva do grupo social ou indivíduo que lhe permite, com base em imagens, representações e projetos tomar consciência do seu espaço de vida. (ARRUDA et al, 2018). Ela é entendida como o conjunto de práticas, suas expressões materiais e simbólicas que garantem a apropriação e permanência de um dado território por um dado agente social.

Saquet (2015, p.27) cada sociedade historicamente estabelece suas relações de poder em um território o qual se manifesta por meio das formas de uso do espaço e pelas relações geopolíticas endógenas e exógenas desenvolvidas durante os processos de trocas (i) materiais. Saquet recorre a reflexão de Gottmann sobre os significados do território, historicamente, se o território é um

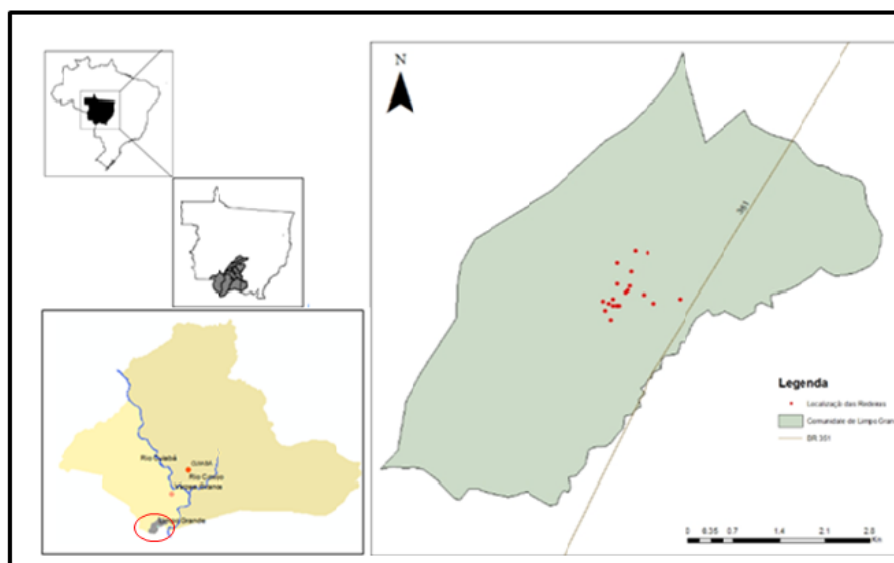
[...] compartimento do espaço como fruto de sua diversificação e organização, ele tem duas funções principais: a) servir de abrigo, como forma de segurança e, b) servir como um trampolim para oportunidades. Segurança e oportunidade requerem uma organização interna do território bem como relações externas, de poder e dominação. Assim, o território assume distintos significados para diferentes sociedades e/ ou grupos sociais. GOTTMANN(1973[2005].

No caso da “Rede Cuiabana” a sua territorialidade encontra-se nos municípios que pertencem ao Vale do rio Cuiabá e, precisamente nas comunidades de Várzea Grande. Nessas comunidades foi construída uma teia de relações de poder, primeiro por meio da reterritorialidade dos Guaná, segundo por ocupar determinados territórios especializados na produção da rede cuiabana e, terceiro, pelo compartilhamento de saberes de sua cultura material e imaterial, está manifestada nas relações cotidianas de trabalho e casamento entre a população tradicional. A comunidade de Limpo Grande na atualidade é a representante da resistência desse saber.

Segundo Bonnemaïson (2002, p.107) a análise da territorialidade de um grupo ou de um indivíduo não pode se reduzir ao seu sistema territorial, [...] a territorialidade é uma oscilação contínua entre o fixo e o móvel, entre o território “que dá segurança”, símbolo de identidade, e o espaço que se abre para a liberdade, às vezes também para a alienação.”

A comunidade rural de Limpo Grande, reduto das redeiras, pertence ao município de Várzea Grande distando 23 km do seu centro urbano. O acesso se dá pela Rodovia dos Imigrantes no Km517. Dentro da jurisdição do município de Várzea Grande, a comunidade de Limpo Grande pertence ao distrito de Capão Grande, antiga sesmária do Capão do Pequi (Figura 1).

Figura 1 Localização da comunidade de Limpo Grande, município de Várzea Grande, Mato Grosso.



Fonte: Arruda 2018

Outrora, a comunidade de Limpo Grande fazia parte de Ribeirão dos Cocais, um distrito do município de Nossa Senhora do Livramento, território jurídico desmembrado, em 1948 para integrar o município de Várzea Grande. Vale ressaltar que Várzea Grande, até o ano de 1948, pertencia juridicamente/territorialmente ao município de Cuiabá.

Limpo Grande, se constituiu por volta de 1946, e dois anos após o surgimento foi incorporado ao município de Várzea Grande. Todavia, a comunidade está culturalmente mais interligada à comunidade de Ribeirão do Cocais, pois as três principais famílias formadoras de Limpo Grande, derivam desse distrito. Assim, mantém-se estreitas relações de parentescos, obrigações de compadrio e festividades em devoção aos santos (as) com os antigos moradores de Ribeirão dos Cocais.

Aqui a concepção de território jurídico não cabe, a compreensão passa pelo pertencimento do território e da territorialidade do saber/fazer da rede, com seus códigos,

estratégias, elementos parentais em vivência de uma arte. Bonnemaison aborda essa compreensão:

[...] particularmente quanto à análise dos regimes e sistemas fundiários. A relação que os aldeãos mantinham com seu terroir - neste caso preciso, tratava-se bem de um território - implicava ir além da análise e da medida das geoestruturas, para além mesmo do mapa da repartição fundiária e daquilo que a paisagem refletia à primeira vista. Os regimes fundiários não dependem de um simples “costume” de distribuição; inscrevem-se dentro de uma visão cultural e emocional da terra, isto é, dentro de uma relação de territorialidade. A terra não era apenas um lugar de produção, mas também o suporte de uma visão de mundo. A distribuição de terras não era somente social e jurídica: refletia o tipo de relação que as famílias aldeãs entretinham com seus ancestrais e a espécie de solidariedade sutil e indissolúvel que unia seus membros. (BONNEMAISON, 2002, p.120)

Holanda, em visita realizada a Cuiabá e Várzea Grande no ano de 1946, registrou que os lugares remotos da Capela do Piçarrão, do Sovaco (hoje Souza Lima), da Praia Grande, do Capão do Pequi, de Pai André, Bonsucesso e Coxipó-Mirim eram lugares onde prevaleciam a produção tradicional da Rede Cuiabana, demonstrando a presença da mesma no cotidiano e *modus vivendis* dessas comunidades à medida que

(...) a rede de algodão não representa em Cuiabá simples divertimento. Seu uso, na cidade como na roça, estende-se às mais diversas camadas da população, porque, como antigamente em São Paulo, é, ali, a verdadeira cama da terra. A atividade das redeiras alimenta-se assim constantemente da procura obrigatória do produto. E nada, por enquanto, parece tender a modificar essa situação, em terra onde a sesta é habitual e as noites são continuamente quentes. (HOLANDA, 1946, p.253)

Notadamente, Holanda não registra a comunidade de Limpo Grande, pois quando visitou Cuiabá e Várzea Grande a comunidade ainda não existia e, ou estava se formando, pois os lavradores de Ribeirão dos Cocais frequentavam esporadicamente o território de Limpo Grande para realizarem suas pequenas roças. Na atualidade, moram em torno de 260 moradores que, em sua maioria são parentes ou tem algum laço com as três primeiras e principais famílias formadoras da comunidade em 1946, formando laços de identidade com o lugar.

Castells (2008, p. 22) apud Santinello (2011, p.156) conceitua identidade em três formas e origens, construídas por meio das relações de poder: como Identidade legitimadora, Identidade de resistência e de Identidade de projeto. E, essa construção está interligada com o contexto das intervenções sociais e as características de cada uma das Identidades conectadas ao ser social, sendo ao ator social, neste caso as artesãs/redeiras, aplicadas às suas necessidades para com a sociedade vigente. Contudo, para os atores sociais, a Identidade é um:

processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas.

Contrastando com o conceito de identidades nos espaços de intervenção, está o entendimento formulado por Claval (2002, p. 147) a respeito de paisagem cultural em que as práticas e cultura são moldadas no espaço/tempo:

[...]a paisagem é a matriz da cultura: ela contribui para a transferência, de uma geração para outra, dos saberes, crenças, sonhos e atitudes sociais. Ao mesmo tempo, a paisagem carrega a marca das culturas que a formaram.

Assim é que a prática cultural de fazer a rede, de baixo para cima e sentada no chão junto ao tear, se faz presente no cotidiano e na paisagem cultural da comunidade de Limpo Grande, onde uma parentela e ou comadres se organizavam e, ainda se organizam para confeccionar redes, xales, tapetes ou caminho de mesa.

Compondo o mobiliário da residência dessas artesãs, notadamente na sala, encontra-se o tear vertical que ocupa um lugar de destaque, juntamente com os novelos de linha e amostras, apetrechos do tear como a espichadeira, o buriti, a abrideira, as taquarinhas de trocar os fios, a bateadeira e o puçá de fazer a varanda, como pode ser observado na figura 2.

Figura 2 Artesã tecendo sentada junto ao tear vertical.



Fonte: Souza (2018)

Em Limpo Grande, nas casas das artesãs/redeiras mais velhas, há sempre um nicho/oratório em devoção ao santo (a) da família, conjuntamente com imagens de Santa Clara e Santa Luzia que representam as duas festas religiosas organizadas pela comunidade. Essas festas são tradições que mantêm atual o antigo sistema de relações parentais e de compadrio, materializado na organização e feitura da festa.

O universo das tecelãs está imbuído de signo, símbolo, significante e significado. Não é apenas no saber/fazer da rede que estão impressas a cultura e a identidade dessa comunidade, mas também no linguajar singular que envolve o processo produtivo. Há um vocabulário específico usado no cotidiano das artesãs como [sic]: enovelar⁵, urdir, encastão, troque, lavrado, amostra, bilros, tecer de ganho, rederas, corte de fio, tecer, punho, sobrepunho, cadarcinho, travessado, canto, liço, puçá, meeiro, limpinho, guarda ou cercadeira, varanda, urdume, subideira, topinho e, os apetrechos tear, buriti, cunhas, puçá, tear, abrideira e taquarinhas. Linguajar esse, vinculado ao modo de fazer da rede e cotidiano das redeiras.

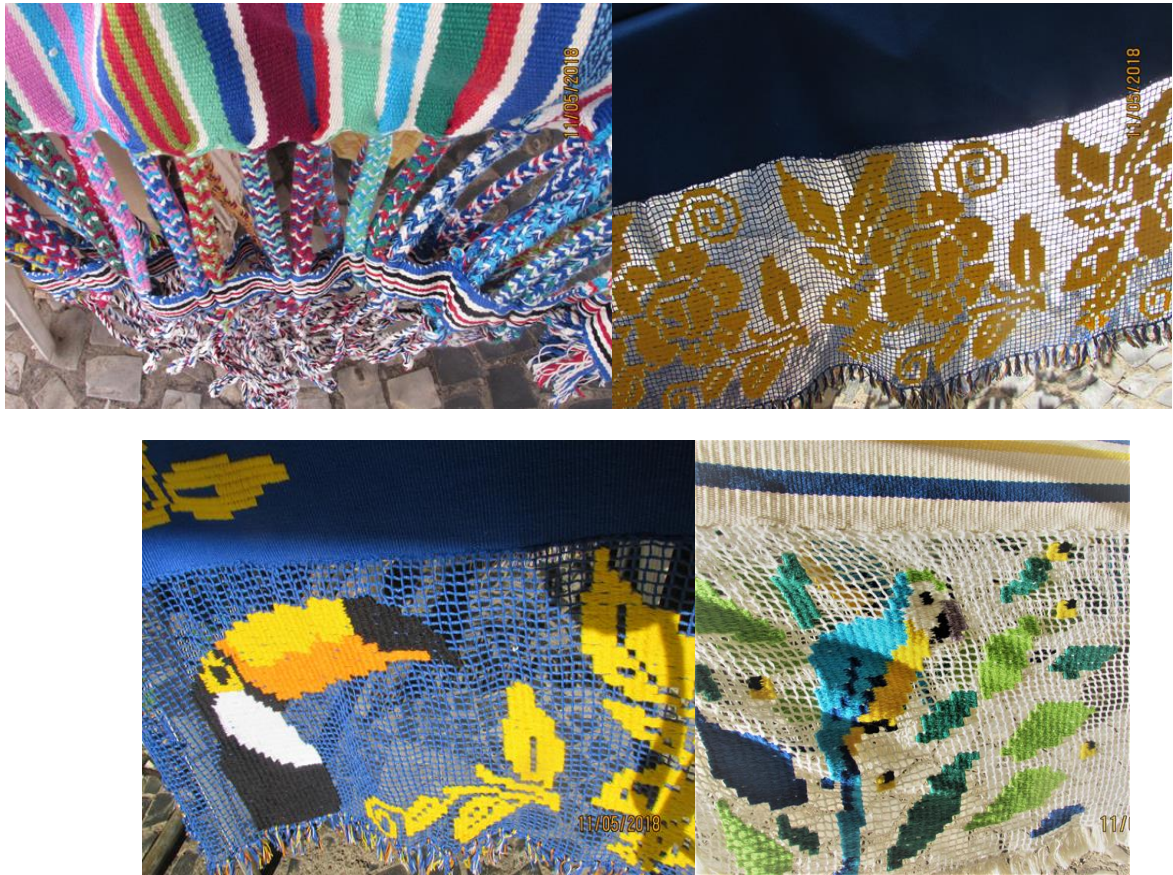
A matriz cultural que contribui para a transferência e transmissão do saber/fazer a rede de uma geração para outra é a mesma que media as tramas e urdiduras desse saber/fazer. Holanda (2008) constatou no ano de 1946 na paisagem cultural das comunidades produtoras da rede na região de Cuiabá/Várzea Grande, que as artesãs detinham na memória um variado número de desenhos e demonstravam uma grande perícia e exclusividade em tramar combinações das amostras. O domínio dessa habilidade era motivo de honra ou dignidade profissional, possibilitando-a posição de destaque como a “melhor redeira”.

Quanto a esse destaque, registra a máxima expressão que “redeira de um desenho só merece pouco caso”, essa expressão, cabe lembrar, somente se adequa naquele contexto histórico, pois na atualidade, novos rearranjos produtivos surgem na confecção da rede alterando a paisagem, a dinâmica espacial e produtiva dessa comunidade.

Na realidade, o processo produtivo atual tem se configurado em uma nova divisão social do trabalho, marcado pela especialização de tarefas como: urdir, lavar, fazer punho e sobrepunho, fazer a guarnição da varanda no puçá e, tramar determinadas amostras. Todavia, a coletividade existe na produção, entre as ‘carreiras’, isto é, a junção de duas e ou mais artesãs que confeccionam a rede e demais produtos, sempre nessas interrelações de compadrio e parentela. Quanto o papel da Cooperativa ArtLimpo se dá somente no papel.

Figura 3 Rede Listrada com punho trançado e varandas em motivos tradicionais e paisagístico.

⁵ Enovelar – juntar os fios para formar novo novelo;



Fonte: Arruda (2018)

Esta especialização, que surge para atender a lógica de um mercado consumidor emergente, que foi engendrada pelos comerciantes que financiavam a produção da rede como estratégia para reduzir o tempo de confecção, acabou por provocar a fragmentação do saber/fazer das artesãs. Corroborando a lógica desse mercado emergente, o processo produtivo passou a incorporar o uso de linhas industrializadas com cores vibrantes na confecção das redes, notadamente nos matizes verdes, rosas, azuis, amarelas e lilás, e pela presença de desenhos bordados com elementos da paisagem natural e cultural de Mato Grosso. Houve também a mudança dos bordados geométrico grego, existentes na guarda do meeiro (borda da rede) por flores e aves ou pela combinação dos dois elementos, como pode ser observado nas figuras 04, 05 e 06.

A composição da rede lavrada (signo) segue uma espacialidade (significante), que, no tempo, passa por supressões de componentes, acréscimos de detalhes, inclusão de cores e permanências (significados). A “Rede Cuiabana” é composta pelo meeiro, guarda do meeiro ou cercadeira, travessado e subideira, como pode ser observado nas figuras 04 e 05. E a artesã/redeira sempre trama/lavra a rede de baixo para cima, sentada sobre os pés.

Figura 4. Redes tecidas em bordados (lavradas) com motivos regionais. Detalhe da borda da rede com desenho geométrico grega, combinado com motivos florais.



Fonte: Souza (2018)

Figura 4.I. a) Trama no meeiro; b) Topinho ou Canteiro; c) Desenho geométrico grego que cerca a rede; d) Punho; e) Cadarcinho; f) Varanda.

Figura 4.II. a) Topinho ou Canteiro; b) Topinho superior; c) Trepadeira de rosas; d) Punho; (f) Sobrepunho; e) Cadarcinho; f) Sobrepunho; g) Encastô; h) Varanda; i) Limpinho).

As artesãs/redeiras tem preferências declaradas por cores e desenhos que, no conjunto, formam um estilo particular que as identificam. São as ‘carreiras’, isto é, a composição de redeiras que tanto pode ser formada por laços de mãe e filha, nora e sogra, quanto por laços de amizade e compadrio, que marcam suas preferências estéticas e afetivas. Observa-se que essas suas relações interpessoais são construídas no processo de confecção da rede configurando-se como uma complexa rede de ambiência.

Baudrillard (2000, p.45 e 46) define a lógica da ambiência, como um conjunto de impressão do artesão na peça, em cores, volumes, substâncias, espaço afetados por uma combinatória de signos. Assim, mesmo que o produto seja uma mercadoria, e esta é produzida como tal, este não perde sua essência de objeto simbólico. A figura de número 5, reproduz essa lógica de cores e desenhos ‘vistosos’.

Figura 5. Redes com motivos da fauna do pantanal.



Fonte: Arruda. (2018)

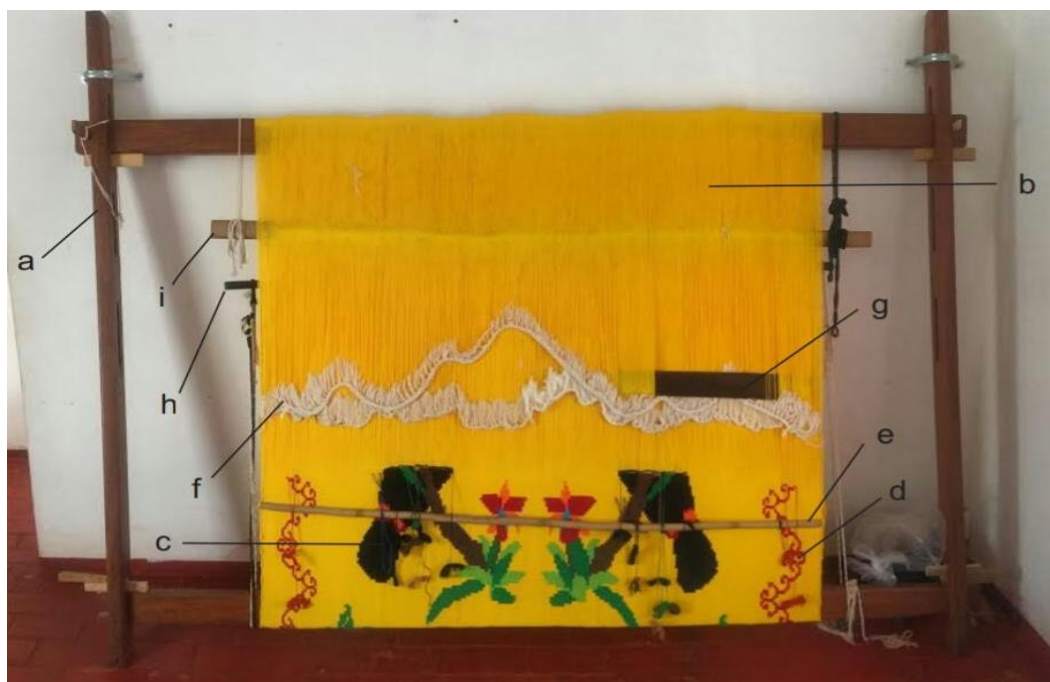
Outra percepção dessa dinâmica de transformações é o aumento do tamanho do tear. Holanda (2005) registra um tear de 1,20m de largura e 1,80m de altura, que no contexto da produção da rede, de função utilitária. Na atualidade, consiste em 1,50m de largura X 1,80m de altura possibilitando assim a confecção de uma rede de maior padronagem e detalhes, conforme as 27 etiquetas de redes lavradas, com medidas variando de largura de 1,40cm a 1,51cm por 3,10cm a 3,55 de comprimento, as 11 etiquetas das redes lisas ou listradas variavam de 1,19cm a 1,39cm de largura por 2,40cm a 3,26cm inventariadas, na Casa do Artesão SESC. A nova dimensão do tear, atende uma exigência do mercado consumidor externo, principalmente turistas de outros estados. Foi catalogado 01exemplar de rede lavrada de 3,77cm de comprimento com a amostra do animal signo do Pantanal, a onça pintada.

Redes listradas	Metragem	Redes lavradas	Metragem
1100,00	3,16x1,40	1980,00	3,50x1,45
880,00	2,40x1,19	1.650	2,92x1,47
990,00	3,45x1,19	1.650,00	3,40x1,51
1.210,00	3,26x1,51	2.200,00	3,70x1,74
		1.870,00	3,48x1,50
		2.090,00	3,55 X 1,47

Tabela 1. Casa do Artesão SESC, as redes possuem etiquetas com preço, metragem e autor/artesão, bem demais peças. A lista acima é somente uma amostragem.

Este trabalho concluiu que a confecção da rede de dormir cuiabana, está intrinsecamente relacionada a comercialização para turistas que visitam o SESC Pantanal e Casa do Artesão no segmento social de outros componentes do SESC. Todavia, se o tamanho é exigência de valor turístico a escolha das cores e desenhos nas redes, são exclusivas escolhas das redeiras/artesãs. Confirmando, ainda, uma dimensão cultural do fazer a rede, mesmo que as encomendas locais sejam parcas desestimulando a comercialização e distribuição.

Figura 6 Tear vertical com tecedura de baixo para cima com seus respectivos apetrechos.



Fonte: Souza (2018)

Figura 6. a) Tear Vertical; b) Urdidura; c) Trama com bordados; d) Desenho de contorno do meeiro; e) Espichadeira; f) Liço; g) Batedeira; h) Buriti de troque e de punho; i) Abrideira.

Esse universo feminino de amostras, urdiduras, teceduras, tramas, bordados e linhas coloridas, vem sendo mescladas com a presença de tessituras (estratégias) incorporadas à vida cotidiana e ao processo produtivo conferindo no espaço-tempo visibilidades e legibilidades nas relações sociais da comunidade tecelã. Para Certeau, no cotidiano há sempre atores, no caso as redeiras, que seriam esses agentes produtivos, que tramam urdiduras nos seus fazeres da vida

cotidiana, permeando-a com reinvenções de um “cotidiano que se inventa com mil maneiras de caça não autorizada”.

A identificação e a identidade da comunidade de Limpo Grande estão vinculadas ao saber/fazer da “rede cuiabana” uma vez que essa comunidade passa a ser reconhecida e identificada como o lugar de produção da rede. E essa produção tem tornado as mulheres de Limpo Grande fazeredoras da história do lugar, produzindo e agregando valor particular no artesanato comercializado para os turistas, não importando se ainda, não alcançaram os devidos benefícios econômicos almejados. Assim, como o reconhecimento de portadoras da matriz cultural Guaná que permanece como referência simbólica da identidade da rede que se tece em Limpo Grande

Saberes: Resignificados

Saber Fazer/Original	Resignificações
Algodão cru e tingimento orgânico	Linha industrializada/Diversificação
Amstras: anjos, ramalhetes de flores	Desenhos/bordados da fauna e flora
Atividade familiar	Divisão do trabalho na produção da rede
Concilia tarefa doméstica com o tecer	Mão-de-obra assalariada + artesã
Casa comerciais e seus domínios	Lojas especializadas em artesanato
Peça utilitária (tear menos=rede menor)	Objeto turístico (tear maior = rede maior)
Agente comercial (encomenda)	Redeira (contrata outra redeira para tecer)

Elaboração: Autora

3 DA TRAMA DE TECER A REDE ÀS TRAMAS CAPITALISTAS INVISÍVEIS DO PROCESSO PRODUTIVO – O CENÁRIO ATUAL DAS REDEIRAS DE VÁRZEA GRANDE

Para esta análise, adotou-se os conceitos de capital cultural, simbólico, social e econômico, com o objetivo de identificar os principais mecanismos socioeconômicos subjacentes ao processo de produção da Rede Cuiabana.

A arte de fazer a “Rede Cuiabana” perdura gerações. Até meados da segunda metade do século XX, as artesãs dominavam todo o processo de produção da rede que consistia em plantar e cultivar o algodão, bem como descaroçar, cardar, enovelar e tingir o fio. A matéria

prima utilizada pelas artesãs, após o advento da linha industrializada, a partir de 1960, segundo Ignácio, era adquirida nos comércios especializados existentes em Cuiabá e Várzea Grande.

No processo de produção da rede, os entraves atuais estão relacionados às dificuldades de comercialização e distribuição em mercados de outros estados, assim como a aquisição da linha industrializada, matéria-prima desse artesanato que eleva o preço final da rede de dormir, diminuindo a renda das artesãs o que compromete a sobrevivência do artesanato. Além disso, o baixo poder aquisitivo da maioria das redeiras gerou uma relação assimétrica entre esse grupo social e as lojas especializadas na comercialização da linha industrializada.

Essa relação assimétrica é analisada por Bourdieu (2001, p.113), a partir dos conceitos de campo e capital simbólico, cultural, social e econômico:

Outro fator ligado à questão do campo é o capital. Conforme o capital social que o agente detém ele pode ou não inserir-se num campo. No jogo de cada campo são admitidos apenas os que possuem as condições necessárias para o embate e, uma condição de permanência no campo é compactuar com as exigências e possuir capital (cultural, simbólico, social e econômico) compatível. O capital cultural refere-se ao acúmulo ou a disposição acumulada de conhecimento e da vivência em um determinado meio social específico. O capital econômico está diretamente ligado aos bens materiais. O capital social refere-se ao conjunto de relações sociais e, o capital simbólico que só tem sentido quando os agentes partilham sua significação e reconhecem sua importância (um cargo, diploma ou título) dentro do campo onde está ocorrendo o jogo.

Em função dessa situação de dependência das redeiras em relação ao investimento inicial na matéria prima, a linha industrializada, desenvolveu-se a estratégia, localmente conhecida como “tecer de ganho”. Por meio desse sistema, inicialmente um agente intermediário, interessado na comercialização do produto, adianta o valor do chamado “corte de fio” como é chamado o lote de linhas necessárias para tecer. Na entrega, o agente descontava o valor adiantado, pagando à redeira um valor simbólico, quando comparado com o preço final do produto. Não raro, o valor pago corresponde a um lote de novelos para próxima encomenda, ou a produtos vendidos na loja do agente, situação essa que se resumiria, portanto, em simples troca. Apenas esporadicamente as redeiras recebiam valores, irrisórios, em dinheiro após investirem o seu tempo e a sua arte de tecer em um produto de valor agregado.

Após adquirir a rede, por meio desse sistema, o produto artesanal era vendido em outros centros consumidores para pessoas de poder aquisitivo, principalmente São Paulo. O sistema comercial era realizado em lojas e/ou eventos especializados situados em locais muito distantes das comunidades das redeiras aos quais elas, evidentemente, não tinham acesso. Esse mecanismo, no qual se estabeleceu a intermediação entre o comerciante/investidor com o

produtor (redeiras) ocorreu, mais precisamente em Cuiabá e Várzea Grande onde as casas comerciais estavam estabelecidas, por aproximadamente 04 décadas. Há que se reconhecer que se trata de um mecanismo de apropriação do trabalho das redeiras e, infelizmente, levou a manutenção e reprodução de um contínuo estado de dependência econômico-financeira das artesãs.

Somente esporadicamente as redeiras procuravam o mercado municipal de Cuiabá para negociar e até mesmo trocar a rede lisa, por produtos de primeiras necessidades. Na história da comercialização da rede utilitária e a lavrada, mesmo tendo como impeditivo a falta de transportes entre as suas comunidades (localizadas em áreas rurais ou periurbanas), para a capital até meados de 1980, algumas redeiras conseguiam encomendas via acesso de compadrio e ou conhecimento com alguma pessoa influente localmente para vender seu produto. Para as demais, a combinação de fatores, de não possuir recursos para aquisição de matéria prima, conhecimento para comercialização da rede e tempo relativo, 40 dias, para confecção de um único produto, sem retorno imediato para as despesas cotidianas somou para a desistência e ou integração da nova configuração econômica, política e social de Várzea Grande e Cuiabá, a partir dos processos de colonização e ocupação do médio norte, mudando as relações sociais.

Além disso, os comerciantes criaram um mecanismo de divisão social do trabalho de produção da rede. Primeiramente o processo produtivo é subdividido em suas partes constituintes, tais como urdidura, trama/lavrado, feitura de punho e varandas. Em seguida são selecionadas as melhores artesãs para tecer essas partes. Desse modo, foi gerado uma dinâmica produtiva que resultou no menor tempo de produção da rede, acrescido a exigência de outras amostras e tamanho da rede.

Esse arranjo produtivo subsiste ainda hoje com o último representante dos comerciantes de linhas e comercialização da rede na Arte Cuyabana, no mercado do Rio. A produção ocorre segundo exigência de exclusividade das redeiras em relação ao comerciante que também impõem uma padronagem de estilos exclusivos, de sua autoria. A comercialização ocorre em mercados do centro-sul do país e em feiras de cultura e turismo. Também intermedia encomendas para clientes cativos, sendo igualmente confundido como o artesão/produtor.

Nessa conformação, na qual o próprio comerciante se declara como produtor (artesão), há uma apropriação de símbolos da cultura artesanal por parte do comerciante/investidor,

portanto detentor do capital. A sustentação dessa apropriação está no domínio de componentes culturais envolvidos na produção da rede cuiabana, manifestado pela elaboração, recuperação e recriação de desenhos que o comerciante estabeleceu na forma de um álbum ou catálogo de estilos exclusivos, entendidos como de sua propriedade autoral.

Como exemplo dessa situação, em uma das vistas para compor a etnografia da “Rede Cuiabana” e, conhecer a marca da rede deste comerciante, foi visualizado um punho, trançado, diferente do punho torcido que é usualmente empregado nas Redes Cuiabanas. Quando indagado sobre a origem desse estilo de punho, disse tê-lo visto em um museu, como material patrimonial de uma rede do Marechal Rondon. Recriando para si, como marca das suas redes.

De um modo geral, as artesãs/redeiras trabalham em um formato de relações interpessoais domésticas. Nesse quadro, algumas se destacaram e ainda se destacam, ora por serem exímias redeiras (capital simbólico), ora por ‘saberem’ tecer relações com o capital social, que, no âmbito externo é imprescindível para comercializarem a produção. É o caso das conexões com estabelecimentos como a Casa do Artesão, casas de linhas, além dos próprios círculos de conhecidas. No âmbito interno, o capital social está associado ao domínio de relações parentais e de compadrio. Dentro desse domínio, as redeiras com maior renda exercem um domínio de capital econômico ao demandar encomendas às redeiras destituídas de renda dentro da comunidade. Esse arranjo foi denominado de *marketing* pessoal por Campo (2006, p. 161).

Norteando essa reflexão de capital simbólico, capital cultural, social e econômico, vale ressaltar uma breve contextualização desses conceitos concebidos por Bourdieu, 20011, p. 188. “o poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá aquele que o exerceu, um crédito com que ele o credita, uma fides, uma auctoritatis, que ele lhe confia pondo nele confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe”.

Fato interessante nesse mercado de bens simbólicos do processo produtivo da rede é a invisibilidade das redeiras, que existiu por décadas em Várzea Grande (polo produtor) e Cuiabá (polo distribuidor), pois as casas comerciais que intermediavam a venda, “escondiam” tanto o local de produção como as artesãs. Aqui cabe uma explicação do ‘esconder’, nas entrevistas as artesãs deixavam entender nas entrelinhas que tanto as casa antigas de linha em Cuiabá e Várzea Grande, não diziam onde e para quem vendiam as redes, e que algumas redeiras de influência, capital social, também não ensinam o endereço das redeiras. Ainda, hoje percebe-se na fala do

proprietário da Arte Cuyabana esse imbróglio, e as artesãs também não têm contato com os compradores, turistas por exemplo para elucidarem o valor e feitura da rede.

Em decorrência dessa invisibilidade, os comerciantes passaram a ser denominados de ‘encomendadores’ e, no tempo, confundidos no mercado com os próprios artesãos. Destituídas da qualificação de artesãs/tecelãs, estas são denominadas apenas de “redeiras”. Trata-se de um processo de perda identitária, conseqüentemente, de desvalorização do capital simbólico representado pelo saber/fazer que só tem sentido quando os agentes partilham sua significação e reconhecem sua importância dentro do campo onde está ocorrendo o jogo.

Nessa sequência de análise da apropriação do modo de produzir, Milton Santos contribui com o conceito do modo de produção do homem e sua técnica sobre uma determinada base territorial histórica.

Desse ponto de vista, as formas espaciais seriam uma linguagem dos modos de produção. Daí na sua determinação geográfica, serem eles seletivos, reforçando desta maneira a especificidade dos lugares. A localização dos homens, das atividades e das coisas no espaço explica-se tanto pelas necessidades “externas”, aquelas do modo de produção “puro”, quanto pelas necessidades “internas” representadas essencialmente pela estrutura de todas as procuras e estrutura das classes, isto é, a formação social propriamente dita. O modo de produção expressa-se pela luta e por uma interação entre o novo, que domina, e o velho. (SANTOS, 2005c, p.28)

Assim como no novelo das linhas, as tramas que se configuram nessas relações de trabalho são complexas e difusas. Com efeito, uma vez destituídas dos meios de produção, essas artesãs acabam entrelaçadas em “tramas” e “urdiduras” que envolvem relações assimétricas de poder. São situações reproduzidas desde a compra da linha até comercialização do produto, com todas essas etapas dominadas por um mesmo estabelecimento comercial.

Nessa trama construída na produção e comercialização da rede vale ressaltar o papel da Casa do Artesão. Essa instituição foi fundada em 1975, como um anexo da Secretaria de Assistência Social do Estado de Mato Grosso, para o fomento e venda do artesanato local. Por longa data a artesã/redeira poderia ir tecer as “Redes Cuiabanas” no local, havia teares disponíveis, e ou deixar em consignação para venda. Os produtos eram vendidos com um acréscimo de 30% do valor estabelecido pela casa, nesse período as artesãs recebiam em dinheiro, as peças vendidas. A habilidade da redeira e agilidade suscitou uma dinâmica, baseada no desempenho de “melhores redeiras”.

Com o capital social desenvolvido pelas relações interpessoais criadas dentro do contexto da Casa do Artesão, algumas redeiras passaram, elas mesmas, a contratar encomendas junto às artesãs destituídas de capital social e econômico (isto é, aquelas que não dominavam o sistema engendrado na Casa do Artesão). Essas passaram, então a prestar os serviços de ‘tecer de ganho’, reforçando assim a permanência de dependência, que apenas mudou de domínio: dos agentes externos (comerciantes) para os internos (redeiras mais bem posicionadas).

Observa-se que esse capital social era consequência da atribuição de destaque de “melhor redeira” que algumas alcançavam dentro da Casa do Artesão e, essa condição as qualificavam para exercer o papel de “contratantes” de encomenda de redes nas suas comunidades.

Se outrora, esse ‘destaque’ viabilizou e legitimou a continuidade da produção da rede, na atualidade, internamente as artesãs mais jovens, destituídas dessas estratégias, passaram a se empregar como trabalhadoras assalariadas em outras atividades econômicas, desistindo de dar continuidade ao saber/fazer da Rede Cuiabana.

E para as que resistem, possuidoras somente de capital simbólico, a solução que se apresenta é a continuidade do rearranjo de ‘tecer de ganho’ para as ‘contratantes’, pois quando conseguem comprar o ‘corte de fio’, isto é, as linhas suficientes para tecer uma peça, e não vendem a produção de imediato ficam novamente sem recursos financeiros. A indagação que fica é se “as contratantes”, ficarão conhecidas como redeiras ou como fornecedoras de redes, a exemplo com o que ocorreu com os comerciantes que realizavam as “encomendas”, pois como destaca CAMPO (2006, p.166), “as contratadas: vendem a mão-de-obra e ficam no anonimato, anonimato tal que se vai sedimentando”

Em Várzea Grande a Casa de Artes e Ateliê, ligada a Secretaria de Promoção Social do município, é um local de divulgação e comercialização da rede, deixadas em consignação. A Casa faz um cadastro da artesã e cobra 30% do valor estipulado pela mesma, que recebe o dinheiro, tão logo se efetive a venda. Contudo, as artesãs não têm deixado as redes nessa instituição, pois alegam que os turistas não vão até o local. Em contrapartida, a Casa de Artes abriu uma sala anexa ao Shopping Várzea Grande, bem próximo ao Aeroporto Marechal Rondon em um ambiente bastante acolhedor, local em que, possivelmente as vendas ocorrerão em maior volume.

As transformações do mercado turístico, aventou novas configurações em 2001, quando em ação conjunta a PROSOL, ligada a Casa do Artesão, propôs uma parceria com o SEBRAE na implantação de uma cooperativa para as artesãs de Limpo Grande a ArtLimpo. Mas a propositura não progrediu. Em conversas informais com as artesãs ocorridas em visitas *in loco*, e com um técnico da Casa de Artes, a criação da cooperativa ArtLimpo, não prosperou por falta de assessoria para capacitação das artesãs na dinâmica comercial própria do mercado.

Essa constatação foi também reportada por CAMPO (2006, p.166) para quem “A atuação do SEBRAE, na comunidade, foi de forma pontual. Perdeu-se a oportunidade de realizar um trabalho com as tecelãs que tivesse continuidade, de forma a estabelecer vínculos, demandaria tempo, porém traria melhores resultados”. O vestígio da Cooperativa é o Cartão do Artesão, somente usado para entregar a rede e demais produtos consignados no SESC/Casa do Artesão, sendo exigência do SESC de acordo com o Ministério da Cultura.

Na atualidade, as artesãs deixam as redes e demais produtos como tapetes, xales em filé e jogo americano na Casa do Artesão. Desde 2004 o estabelecimento vem sendo administrado pelo SESC, no mesmo padrão de consignação e a taxa de 30% cobrado do valor estipulado pela artesã, como pode ser conferido nas imagens da figura 7.

Figura 7. Tecelagem Cuiabana de tapetes, jogos americano e xales.



Fonte: Arruda 2018

A partir de 2005, o SESC adotou a exigência de que as artesãs deveriam ter uma conta bancária para depositar o valor das vendas dos produtos em consignação. A regra, seria para facilitar o pagamento. Todavia, a medida foi contraproducente, pois as artesãs não foram informadas das obrigações bancárias tarifadas pelo cartão. Mais uma vez, a falta de informações precisas e compreensíveis ao vocabulário das artesãs causou mais problemas que soluções.

O quadro social atual da comunidade de redeiras de Limpo Grande está resumido no Quadro 2. Nos levantamentos de campo foram encontradas 49 artesãs em atividade, um número que representa 60% do encontrado em 2005 por CAMPO, indicando uma tendência de decréscimo. Por outro lado, o levantamento também indicou que cerca de metade delas (23) dedica-se exclusivamente à tecelagem. Quanto ao ensino da arte, foi encontrada uma artesã que ensina na Casa de Artes e Ateliê de Várzea Grande e outra que ensina na escola municipal da comunidade de Limpo Grande, para o público infantil, num caráter mais recreativo. Portanto, o aprendizado mais importante acontece de forma tradicional no âmbito da família.

Quadro 2. Resistências e resiliências das redeiras em Limpo Grande – VG 2018

Ativas	Aposentadas	Ensina a Arte	Concilia a arte com outra atividade	Especialista em partes da rede	Total
23	07	02	08	09	49

Número de redeiras resistentes no ano de 2005 coletado por Campo 80

O levantamento detectou também que algumas artesãs conciliam a tecelagem com trabalho informal em outras atividades, principalmente como diaristas. Portanto, no conjunto, percebe-se um quadro 60% de manutenção dessa arte, que só existe graças à capacidade das artesãs em sobreviver conciliando seus saberes especializados com o meio envolvente, que não lhe dá praticamente nenhum apoio no vigente mercado turístico.

Tomando como referência o conceito de mercado turístico do Ministério do Turismo (2010, p.15), de acordo com a OMT (2001 apud MTUR 2007, p. 15) “a natureza da atividade turística é um conjunto complexo de inter-relações de diferentes fatores que devem ser consideradas conjuntamente sob uma ótica sistemática, ou seja, um conjunto de elementos inter-relacionados que evoluem de forma dinâmica”. Com isso, a definição de que o mercado turístico partilha informações com o consumidor (turista) e o agente produtor do recurso histórico-cultural, vem se mostrando assimétrico. Uma vez que a empresa compradora e distribuidora do singular produto, rede de dormir cuiabana, exclusivo bem tangível imbuído de simbolismo, atua em um mercado monopolista e com proposta aos agentes produtores pré-mercado capitalista de outrora. Na contínua situação de amargor das tramas invisíveis do modo de fazer a rede.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como existe um processo intrincado de fios na produção da rede, que envolve diferentes técnicas para tecer, urdir, lavrar e fazer a varanda, há uma complexa rede social de tramas e urdiduras tecidas no cotidiano das artesãs para a reprodução do seu modo de saber/fazer, acompanhado de suas táticas internas de enfrentamento para as transformações e permanências de sua prática cultural, e adequação aos movimentos externos de pressão ao desempenho peculiar da artesanaria da Rede Cuiabana.

As artesãs de Limpo Grande, principal polo produtor da Rede Cuiabana no contexto da região do vale do rio Cuiabá resistem em resguardar seu modo de tecer, sentadas no chão e/ ou em um banquinho, junto ao tear e demais apetrechos, compõem uma simbologia secular de criatividade artesanal transmitida de geração em geração, baseada na observação e prática no âmbito familiar. Prática esta que perdura historicamente, sem perder a originalidade, a qualidade e a singularidade no processo do fazer. A confecção da Rede Cuiabana ocorre em tecedura em tear vertical desenvolvida no sentido de baixo para cima, resultando num tecido firme e durável. Entretanto, constata-se uma ressignificação de componentes do processo de confecção ocorrido ao longo do tempo, como pode ser observado na Tabela 2.

No processo evolutivo da rede, de peça funcional, este objeto inicialmente era caracterizado pela sua bidimensionalidade estrutural, por ser constituído basicamente por linhas verticais (urdidura) e horizontais (trama). Enquanto permaneceu apenas como um utensílio na função de leito de dormir e transporte a rede expressava basicamente essa estrutura, sendo produzida apenas nas variedades lisa (cor única) ou listrada (duas cores).

Assim é que a posse da “Rede Cuiabana” tenha diversas interpretações utilitárias e diversos significantes que fazem com que esse objeto esteja associado a outros significados como encantamento, augúrios, crenças e superstições, poder e status, expressos pela imagética de cores e profusão de desenhos bordados. Parafraseando BAUDRILLARD o objeto é, por fim, dotado de uma virtude: um signo.

A partir do momento que a função da rede desloca do valor cultural/simbólico e utilitário para objeto decorativo/estético, novos elementos (signos) são agregados e passam a compor sua tridimensionalidade, tais como o “lavrado” (bordado) na trama do tecido, assim como as varandas que guarnecem suas bordas. Essas dimensões estéticas são corroboradas por diferentes cores e desenhos (amostras), com apelo da comunicação visual da paisagem natural do Pantanal, procurando transformá-la em um produto para o turismo. Mesmo com essa inserção

de detalhes da fauna e flora, infelizmente, ainda não houve o esperado retorno de comercialização trazendo visibilidade e retorno financeiro para as redeiras/artesãs da comunidade de Limpo Grande.

Conjectura-se que essa realidade decorra do fato de que a artesã, ao tecer em amostras exclusivas, aparta-se da sua autonomia de criação de desenhos próprios de domínio coletivo, tornando-se vinculadas exclusivamente, portanto refém, do contratante criador dessa nova padronagem de amostras e da nova topologia da rede (tamanho, decorativo) exigida pelo mercado.

O deslocamento dos desenhos de domínios coletivos para domínios privados, têm possibilitado a criação de marca identitária de valor de prestígio no mercado, que as próprias artesãs não possuem. Assim, o capital cultural adquirido e/ ou acumulado pela vivência em determinado meio social de renda mais elevada do que o meio em que vivem as redeiras, resulta no enfraquecimento do capital simbólico representado pelo saber/fazer desenvolvido no campo coletivo ou social, entendido por Bourdieu como violência simbólica.

Além disso, as redeiras ainda tem que dividir a renda entre as demais que participaram do processo de produção que muitas vezes é realizado de forma coletiva, seguindo as tradições dos laços interpessoais que se desenvolveram ao longo do tempo na comunidade. Essa tradição ainda persiste, mesmo diante da divisão do modo de produção introduzida pelos comerciantes. Isso mostra a força da dinâmica dos laços familiares, das “carreiras”, sendo comum as redeiras se juntarem para tecer em grupo, muitas vezes para atender uma encomenda de urgência. São momentos de entrosamento do cotidiano da vida comunitária.

A dificuldade de acesso à comunidade, ainda hoje por precárias vias de acesso, afasta o consumidor/turista, prevalecendo assim, a vinculação assimétrica do produtor com os diferentes intermediários no processo de confecção e comercialização do produto.

No que se refere à possibilidade de visitação turística, outro entrave relevante a ser considerado é a total falta de sinalização turística e ausência total de informações específicas que deveriam estar divulgadas junto ao trade turístico na área metropolitana de Cuiabá e Várzea Grande.

Finalmente, sabendo-se que o artesanato faz parte da cultura e que esta é um dos componentes mais significativos para o desenvolvimento do turismo cultural/patrimonial, há que se pensar em inserir a produção da Rede Cuiabana em um programa de economia criativa,

baseada no capital cultural do saber/fazer da comunidade de Limpo Grande para o seu desenvolvimento e contribuição para a valorização e preservação do saber/fazer desse objeto representativo na identidade e cultura mato-grossense.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A de. **Cuiabá: estudo de Geografia Humana**. Relatório apresentado por Aroldo de Azevedo orientador geral de pesquisa de campo, julho de 1953.
- BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos**. Edição Semiologia. Ed. Perspectiva S.A. São Paulo. 2000, p. 81-114.
- ARRUDA, Z. A., BITTENCOURT, N. F. B., SILVA G. E. F. S. e GUSMÃO, R. S; O uso da geotecnologia como ferramenta de espacialização, análise e representação das manifestações culturais da Região do Vale do Rio Cuiabá (Brasil). 2018 no prelo.
- BONNEMAISON, Joel. **Viagem em torno do território**. Geografia Cultural: Um século (3) Organizadores, Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl. RJ: EdUERJ, 2002. p.83-131.
- BORGES, Ana Carolina da Silva. **Nas Margens da história: meio ambiente e ruralidades em comunidades “ribeirinhas” do Pantanal Norte**. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato: EdUFMT, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 15 ed. RJ. Ed Bertrand Brasil. p. 107-207
- CAMPO, Maria Lúcia Coradini. **A paisagem simbólica de Bonsucesso e Limpo Grande, em Várzea Grande-MT**. Dissertação de mestrado, Departamento de Geografia, UFMT, Cuiabá, 2006, 185 p.
- CLAVAL, Paul. **Campo e perspectiva da geografia cultural**. Geografia cultural: um século (3) / Organizadores, Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl. – Rio de Janeiro: EdUERJ. 2002. P.133-196.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE. Instituto Nacional do Folclore. **Artesanato brasileiro: Tecelagem**. Textos de Amália Lucy Geisel e Raul Lody. Rio de Janeiro, 1983, 168 p., il.
- HOLANDA, S.B. **Caminhos e Fronteiras**. E ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008. P.245-260.
- IGNÁCIO, Elizete, OLIVEIRA, Lucas Albuquerque de e RODRIGUES, Valéria Nogueira. **Redes de dormir de Limpo Grande**. -- 2. ed.-Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2001, 32p. : sala do artista popular : n.170)
- JANOWSKI, Daniele Andrea. **A teoria de Pierre Bourdieu: *Habitus*, campo social e capital cultural**. Memoria Académica, FAHCE. VIII Jornada de Sociología de la UNLP, 2014.

LEONZO, Nanci. **Pão e pano ou prato e trato um ensaio sobre a casa mato-grossense**. Rev. Territórios e Fronteiras – Prog. De Pós-Grad. Em História – UFMT – V.5 – N.1 – Jan/jun.2004. p.255-272.

PALMA, Lúcia C. **Rede de dormir**: algumas abordagens interpretativas na semiótica da cultura. Cuiabá. Especialização Instituto de Linguagem. UFMT, 1996.

PAULA, Luiz Moreira. **A região de Cuiabá nos anos 40 sob o enfoque de um cartógrafo**. Folha suplemento do D.O. Cuiabá, 30 de setembro de 1993. P. 4/5.

RIBEIRO, Darcy. (Editor) **Suma Etnológica Brasil**. Edição atualizada do Handbook of South American Indians. et alii. Vol. 3 Arte Índia FINEP. Vozes 2ª ed. Petrópolis. 1987, p. 29-6.

SANTINELLO, Jamile. A identidade do indivíduo e sua construção nas relações sociais: pressupostos teóricos. Rev. Est. Comum., Curitiba, v.12, n.28, p.153-159, maio/ago. 2011.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. 4.ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015. p. 13-52.

SARAT, Tatiane Rosa. **Várzea Grande no processo de reocupação das terras amazônicas – 1970 – 1990**. ANPUH, Fortaleza 2009.

SILVA, V. C. **Missão, Aldeamento e Cidade**. Os Guaná entre Albuquerque e Cuiabá (1819 – 1901) Dissertação (mestrado) ICHS/UFMT. Cuiabá, 2001.

TURISMO.COM.BR. Secretaria Nacional de Política do Turismo, Departamento de Estrutura, Articulação, Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. Brasília: Mistério do Turismo, 2010. In: Mercado Turístico, p.13-49.